

## Sala de aula, sala de projeção: a relação Cinema e Ensino de História.

Flávio Vilas-Bôas Trovão \*

*Primeiro, o cinema e, mais tarde, o seu rebento eletrônico, a televisão, se tornaram, em algum momento do século XX, o principal meio para transmitir histórias que nossa cultura conta para si mesma – quer elas se desenrolem no presente ou no passado, sejam elas factuais, ficcionais ou uma combinação das duas coisas. Filmes, minisséries, documentários históricos de grande bilheteria são gêneros cada vez mais importantes em nossa relação com o passado e para nosso entendimento da história. Deixá-los fora da equação quando pensamos o sentido do passado significa nos condenar a ignorar a maneira como um segmento enorme da população passou a entender os acontecimentos e as pessoas que constituem a história.<sup>1</sup>*

As análises sobre o universo cinematográfico e o uso de filmes entre os historiadores têm ganhado fôlego nas últimas décadas à medida que um grupo considerável de pesquisadores vêm adotando as fontes imagéticas em movimento como material de base para seus estudos e produções historiográficas. Da mesma forma, o uso de filmes nas aulas de História encontra uma tradição que remonta ao início do século XX e, no caso brasileiro em especial, ao anos do governo Vargas.

Nesse contexto podem ser analisadas, grosso modo, duas abordagens sobre o uso dos filmes em sala de aula: a) as reflexões de pesquisadores do ensino da História sobre o cinema no campo didático e b) as reflexões de pesquisadores da relação entre cinema e História problematizando o uso didático do documento fílmico.

Por vezes ao primeiro grupo os procedimentos didáticos metodológicos são a tônica das reflexões enquanto para o segundo as questões de linguagem e representação são mais presentes. De qualquer forma tais abordagens não são antagônicas mas complementares, a medida em que a experiência acumulada entre um grupo de pesquisadores tem muito a contribuir com a outra. Ainda, não se constata que a ênfase em uma das questões, quer seja o procedimento didático quer seja a análise fílmica, signifique a desconsideração da outra.

---

\* Professor Adjunto do Departamento de História da UFMT. Doutor em História Social (USP).

<sup>1</sup> Além de historiador, Robert Rosenstone é, também, roteirista de séries de televisão e consultor histórico de filmes nos Estados Unidos.

Um dos principais veículos de comunicação dessas pesquisas e análises são na forma de "manuais" ou coletâneas de artigos/experiências didáticas voltados, predominantemente, para alunos de graduação e professores de História dos níveis fundamental e médio (educação básica).

Nesse sentido, analisamos uma proposta didática do uso do filme nas aulas de História de um desses materiais, assinado pela professora Dra. Kátia Abud, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Primeiramente pontuamos suas considerações (e contribuições) para o uso do filme como recurso didático para professores e estudantes em formação em História e, em seguida, sugerimos alguns pontos de reflexão sobre a problemática apresentada.

#### **Análise sobre o uso do filme em sala de aula: um estudo de caso.**

Nossa análise pautou-se no capítulo intitulado "O cinema no ensino de História" de autoria da professora Dra. Kátia Maria Abud, integrante da obra "Ensino de História", cuja autoria a emérita professora divide com André Chaves de Melo e Silva e Ronaldo Cardoso Alves.

O livro conta com apresentação da professora Anna Maria Pessoa de Carvalho, coordenadora da Coleção e professora da Faculdade de Educação da USP. Seu texto delinea os principais objetivos da coleção intitulada "Ideias em Ação", resultado das pesquisas e práticas de um grupo de professores e estudantes da Faculdade de Educação da USP.

*"Os livros desta coleção são dirigidos, em especial, aos professores que estão em sala de aula, desenvolvendo trabalhos com seus alunos e influenciando as novas gerações. Por conseguinte, tais obras também têm como leitores os futuros professores e aqueles que planejam cursos de Formação Continuada para Professores.*

*Cada livro trás o 'que', 'como' e 'por que' abordar variados tópicos dos conteúdos específicos, discutindo as novas linguagens a eles associadas e propondo atividades de formação que levem o professor a refletir sobre o processo de Ensino e Aprendizagem". (ABUD: 2010, VI) (grifos nossos)*

Ainda, considera que

"Duas são as principais influências na *modificação do cotidiano das salas de aula*: a compreensão do papel desempenhado pelas *diferentes linguagens* presentes no diálogo entre professor e alunos na construção de cada um dos conteúdos específicos e a introdução das *TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação* - no desenvolvimento curricular."

Nesse sentido o Cinema aparece, portanto, como instrumento e recurso utilizado pelo professor em sala de aula, seja de quem já está na lida ou daqueles que estão por ingressar. De qualquer forma, chama a atenção o fato de considerar fotografia e cinema como "novas linguagens" e talvez, possa ainda ser inserido como uma "tecnologia de informação e comunicação".<sup>2</sup>

Ora tais "recursos" tiveram sua criação ainda em meados (fotografia) e final do século XIX (cinema) e sua utilização no Ensino da História, como analisado pela autora, já é reivindicado desde os anos 1930 no Brasil. Portanto, considerá-los tanto uma nova linguagem quanto uma nova tecnologia de informação denota o quanto é necessário avançarmos em sua aplicação didática.

O uso do Cinema como fonte para a construção do saber histórico foi acompanhado de sua aplicação no cotidiano escolar, em especial nas três últimas décadas do século XX, onde o rápido desenvolvimento tecnológico trazia aos professores o desafio de suas incorporações na prática pedagógica e na superação de uma educação bancária (Cf. FREIRE) e, no caso das pesquisas históricas, um novo estatuto para o documento fílmico.

Pode-se verificar a preocupação com o uso didático dos filmes em manuais confeccionados nos anos 1980 e 1990 como "guias" para uso do videotape nas aulas de História, com a popularização e facilidade de acesso ao recurso a partir de então. Com raras exceções, a maior parte deles ainda atribui ao documento fílmico o estatuto de ilustração ou contraponto ao uso de documentos tradicionais da História.

Na introdução do livro de Katia Abud (et. all) a didática da História tem sua singularidade referenciada à medida em que essa "ultrapassa a simples transmissão de

---

<sup>2</sup> Os demais temas analisados são: documentos escritos, uso de jornais, literatura, letras e músicas, estudo do meio, estudo de mapas, cultura material, museus e fotografia, todos igualmente voltados a sua aplicabilidade nas aulas de História.

saberes, para se tornar um campo de conhecimento no qual se imbricam a História ciência e a História escolar, cada uma com elementos próprios". (ABUD: 2010, IX)

Para os autores,

"A pretensão desta obra é auxiliar o professor de História na organização de suas aulas, de modo que ele possa acompanhar o trajeto do pensar histórico por meio da exploração dos documentos diferenciados sobre os quais se apoiam o conhecimento histórico e a construção do pensamento histórico do aluno". (ABUD: 2010, p. XIII)

Na perspectiva em questão, tanto o cinema quanto a fotografia se inserem nos chamados "documentos diferenciados". Nesse aspecto a própria apresentação da obra reforça a ideia de que tais recursos quando utilizados em sala são "diferentes", demonstrando e criticando o fato de que, muitas vezes, somente os documentos escritos tem sido privilegiados pelos professores como documento histórico. A utilização do filme em sala de aula já tem uma prática consolidada em muitas salas de aula do país. O que talvez tenha de ser analisado seja o COMO ele vem sendo (sub) utilizado e as possibilidades de abordagem e construção de conhecimento histórico envolvidos na relação entre Cinema e História.

O texto de Abud é uma versão do artigo "A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino", publicada na revista História (São Paulo, n.22, p. 183-193) de 2003. Encontra-se organizado, como os demais textos da coletânea, em sessões intituladas "questão para reflexão", "teoria e aspectos metodológicos", "sugestão de atividade" e "para ler mais sobre o tema". Nesse sentido a própria organização do texto demonstra a sua intenção: ser utilizado como sugestão ou guia para os professores de História interessados em ampliar sua prática pedagógica. Esse é o aspecto mais importante da obra, pois, através de uma linguagem objetiva e direta, aponta ao professor algumas pistas de como atuar em sala, estabelecendo uma continuidade dialógica entre o saber produzido na academia e aquele produzido e realizado na prática cotidiana escolar.

Segundo a autora, na sessão "questões para reflexão"

"Os filmes, à semelhança do que ocorre com o conhecimento histórico, são produzidos com base em processos de *pluralização de sentidos ou verdades*. Apesar das particularidades e especificidades de cada um - um dos filmes e do conhecimento histórico -, incluindo seus métodos de trabalho, ambos são construções mentais que precisam ser pensadas e trabalhadas intensamente. (...) Compreender os caminhos pelos quais os filmes e o conhecimento histórico são produzidos, com suas diferenças e convergências, implica em desenvolver a percepção para se entender *como a história é construída na narrativa fílmica*. Ao utilizar os filmes em sala de aula, os professores devem *evidenciar* para os alunos esses processos e suas semelhanças, ainda que seus objetivos e métodos sejam distintos.

Portanto a metodologia proposta deve auxiliar o professor a perceber nos filmes o seu processo de *pluralização de sentidos ou verdades*. Essa é uma das mais importantes características da imagem cinematográfica que, como nos aponta Morettin (2007, p. 42), carrega em si a pluralidade de sentidos já que um filme media a relação entre o espectador e a narrativa que apresenta.

Nesse contexto, portanto, um filme não *revela* ou *oculta* uma determinada realidade histórica, mas sim, estabelece relações em um conjunto de signos que carrega em si múltiplos sentidos e, portanto, diversificadas possibilidades de leitura e interpretação. A afirmação da autora em que é papel do professor *evidenciar* as convergências e divergências presentes no discurso histórico fílmico, em relação a outras *evidências* históricas, longe de se apresentar como uma visão equivocada de trabalho histórico com o filme, demonstra sua própria historicidade: Abud está entendendo a abordagem fílmica a partir das reflexões de Marc Ferro, em especial, em ensaio amplamente conhecido intitulado "O filme: uma contra-análise da sociedade?".<sup>3</sup>

O pensamento de Marc Ferro é referência para os estudos entre Cinema e História. Porém, hoje, as ideias do autor ainda muito respeitadas, são objeto de novas avaliações e propostas metodológicas, conforme nos aponta Eduardo Morettin. Segundo o pesquisador, além da contribuição de Ferro, há a necessidade de percebermos a

---

<sup>3</sup> "Seu ponto de vista teórico compartilha da crença de que o documento fílmico possui valor de "testemunho" indireto e involuntário de um evento ou processo histórico e sua veracidade ou não estaria diretamente ligada à manipulação intencional dos realizadores (edição, trucagem, censura), no sentido de deturpar seu conteúdo original." (NAPOLITANO: 2010, p. 246).

polissemia das imagens cinematográficas para além da ideia de registro ou revelação constantes no pensamento de pensador francês. (MORETTIN, 2010: 41-42)

Para que tais (múltiplos) sentidos possam vir à tona quando pensados em sua relação com a História (e a tentativa de construção de um conhecimento histórico a partir da leitura fílmica) é necessário, portanto, um processo de leitura do filme também em suas características estruturantes, ou seja, também em sua linguagem constituinte. Dessa forma, a imagem não é tomada como retrato de uma determinada realidade, mas sim, como um conjunto de estratégias que tentam engendrar, através da narrativa, sentidos e leituras. (FOUCAULT: 2006, p. 194s.). Portanto, pensar a imagem não na forma "chapada" como aparece no ecrã, mas sim, na complexidade de relações em que reside sua produção o que exige, por parte do professor de História, uma aproximação com o universo linguístico fílmico

Sobre quais filmes podem ser utilizados pelo professor, afirma Abud que

No ensino de História, podemos utilizar, basicamente, dois tipos de filme: documentários e ficção histórica, os quais se comprometem em diferentes níveis com a reconstituição ou com uma compreensão dos fatos históricos, sem, entretanto, ameaçar o estatuto ou a importância da pesquisa histórica." (grifos nossos) (ABUD: 2010, p.165-166)

Nesse sentido não é enfatizado ou analisado o uso de outros gêneros como as animações, a ficção científica, o docudrama, o melodrama entre outros. Tal posicionamento demonstra, de certa forma, além da cautela presente em todo o texto da autora, no que se refere ao uso do cinema como uma representação do passado e não o passado tal qual ocorreu, uma visão de um cinema menos ficcional (apenas a ficção histórica foi salientada) e, portanto, talvez mais próximo de uma análise histórica menos fantasiosa. No fundo reside a ideia de uma compreensão histórica menos subjetiva proporcionada por esses dois gêneros cinematográficos. O risco aqui é de, mais uma vez, o filme ser utilizado na relação de ensino e aprendizagem como uma ilustração do fato histórico nele retratado, quando outros gêneros poderiam criar uma visão mais

"arriscada ou fictícia" da História. Se assim o for, a riqueza da polissemia da imagem, mais uma vez, sai em desvantagem.

Ressalta ainda, na argumentação da historiadora, uma distância entre o uso que o historiador faz do cinema e a pesquisa histórica, onde aquele deixa de ser compreendido como objeto de pesquisa e, portanto, como material base para a construção do saber histórico (visto que os filmes não ameaçam "o estatuto ou a importância da pesquisa histórica"). Talvez seja importante problematizar o uso do cinema para além da ilustração ou apêndice, afirmando suas potencialidades como fonte de produção do discurso histórico, historiográfico e escolar.

Porém a importância do texto de Abud está na ênfase que norteia a análise da pesquisadora: que as imagens sejam entendidas como "produtos da subjetividade humana", ou seja, que sejam entendidas como mais um discurso e não "o discurso verdadeiro" sobre o passado.

"Trata-se de inserir o uso da imagem fílmica no ensino, o que implica a conscientização dos alunos sobre as diferenças de objetivos e métodos, bem como sobre a contraposição da ideia amplamente aceita de que as imagens trazem a verdade absoluta dos fatos, quando, na prática, são produtos da subjetividade (interpretação) humana." (ABUD: 2010, p. 166)

Sem dúvidas a preocupação procede, ainda mais pelo atual momento histórico onde, segundo Guy Debord, a imagem ganhou o status de verdade a ponto de tornar a própria apreensão do real como espetáculo. Porém, o que aventamos é que tal preocupação não pode ser restrita apenas ao uso do cinema nas aulas de história, mas sim, de qualquer compreensão que se queira na construção do saber histórico. Ou seja, a História tal qual a aprendemos, ensinamos ou produzimos (quando da realidade da pesquisa) é igualmente subjetiva e, portanto, possível de ser reinterpretada. Não estamos aqui sugerindo o relativismo do conhecimento histórico segundo o qual não haveria diferença entre esse e outros saberes narrativos, como a literatura, por exemplo. Mas a questão é que ao se destacar com veemência a subjetividade da imagem fílmica, pode-se

sugerir que os demais documentos históricos seriam "menos afetados" em seu estatuto de verdade ou em menor escala, em suas possibilidades de interpretação.

Já do ponto de vista metodológico, o texto analisado adverte ao professor a atenção ao fato de o filme vir carregado de sua contemporaneidade, bem como das relações de poder que o constitui.

"Apesar da tentativa de reconstituir ou explicar o passado, o que assistimos nos filmes nos remete às representações e ao conhecimento histórico de seus criadores. Dessa forma, as películas acabam se tornando documentos da época em que foram produzidas; refletem, assim, visões de mundo, conflitos e contradições, as quais estão sempre presentes em nossas interpretações." (ABUD, p. 166)

Sem dúvidas um filme sobre as cruzadas<sup>4</sup> produzido durante a presidência de Georges W. Bush nos Estados Unidos possibilita muito mais um entendimento do momento em estava sendo produzido (Governo Bush) que do fato histórico "Cruzadas" propriamente dito. A questão que aqui se insere é a formação do professor para a utilização de filmes em suas aulas. Quais os critérios de escolha do filme a ser projetado: seu conteúdo ou seu contexto histórico de produção? Ou seja, ainda que a advertência seja importante, a maior parte dos professores adotam os filmes pela historicidade de seus conteúdos e não de sua época de produção. O que equivale a dizer que a escolha é feita tomando o filme como o documento *sobre uma época* e não de *uma época*.

Para que o filme seja entendido em sua contemporaneidade, reiteremos, o mesmo deve ser lido e entendido em suas estruturas constituintes, enquanto *produto de uma indústria cultural* e, portanto, ideologicamente carregado de interesses, bem como, por suas *estruturas narrativas internas* ou sua linguagem. Acreditamos que é na confluência dessas múltiplas possibilidades de entendimento do documento fílmico que o professor pode encontrar uma outra forma de abordar a relação entre cinema e ensino de História. Porém, torna-se necessário a formação do professor de História no uso

---

<sup>4</sup> CRUZADAS (Kingdom of heaven). Direção: Ridley Scott. Roteiro: William Monahan. Ator: Orlando Bloom. Twenty Century Fox. USA: 114min. 2004.

desse tipo de fonte em sala de aula. A não ser que tal uso se restrinja ao campo meramente ilustrativo e, ainda nesse caso, como a chave linguística é outra, requer um manejo diferenciado.

"Com base nessas condições, trabalharemos, ao longo deste capítulo, com a seguinte questão: como trabalhar com filmes em sala de aula sem que os alunos interpretem as imagens como verdades absolutas? As respostas, como veremos, estão na *comparação das formas de produção de filmes e de conhecimento histórico*." (ABUD: 2010, p.166) (grifos nossos)

Robert Rosenstone afirma em seu livro "A história nos filmes/os filmes na história" que o cinema e a televisão se tornaram ao longo do século XX um dos principais meios de difusão de histórias e, portanto, de produção de *conteúdos* e imagens sobre  *fatos históricos* para o grande público. Muitos estudantes da educação básica não tem mais a prática da leitura dos clássicos da literatura ou da história mas assistem a suas adaptações cinematográficas. Isso está em acordo com o que afirma Jörn Rüsen que, de uma certa forma, a História não pertence exclusivamente aos historiadores.

Para Rüsen (2006) o conhecimento histórico vai muito além dos limites da formação do historiador, ou seja, a imprensa, os meios de comunicação de massa e o cinema são importantes veículos formadores de conceitos a respeito da relação dos homens ao longo da própria História. Há histórias compartilhadas socialmente, familiarmente e também cinematograficamente. O que deve ser observado é o fato de que, sem os instrumentais metodológicos necessários, professor e aluno tendem a decodificar o filme na aula de História não como um documento que permite a produção do saber histórico escolar, mas sim, com os mesmos critérios do espectador da sala de projeção, porém, com mais informações de contexto a respeito do que é narrado no ecrã.

O que propomos refletir, portanto, é uma abordagem de educação histórica que se dê através de filmes em sala de aulas sob outra condição que não a do espectador, mas a do historiador.

Ora, se a questão é romper a visão do filme como "representação real do passado" e a construção de um conhecimento histórico que seja crítico e autônomo (Cf. ABUD), o documento deve ser problematizado em suas estruturas constituintes enquanto tal, em sua eleição para aquela condição e em sua própria historicidade.

Na última parte do texto Abud sugere um roteiro de atividade para as aulas de História no Ensino Médio, tendo por base o filme *Carlota Joaquina, princesa do Brasil* de 1995.<sup>5</sup> O filme tem um amplo uso em sala de aula por retratar de forma satírica e alegórica a vinda da família real portuguesa ao Brasil em 1808.

A autora afirma que a visão que tanto o cinema quanto a televisão se apropriaram para criar as imagens a respeito de Dom João VI teria um objetivo específico: "Os alunos não precisam saber que essa imagem pejorativa foi cunhada no início da República brasileira, como forma de minar a simpatia que muitos ainda nutriam pela monarquia?" Porém, se seguirmos sua afirmação anterior (correta, em nosso entendimento) de que os filmes refletem o contexto social e histórico do momento presente em que são realizados, o filme "Carlota Joaquina" e a série televisiva "O quinto dos Infernos" que a autora se refere, estão discutindo muito mais a visão política do início dos anos 1990 (provável desilusão com os primeiros anos de regime democrático pós ditadura militar; eleição e cassação de Fernando Collor de Melo da presidência da República), que com o conceito anti-monarquista do início da República no século XIX.

O fato é que ao se tecer um determinismo enfático para as representações fílmicas deve-se proceder, primeiramente, a análise fílmica e, a partir do interior de suas estruturas linguísticas formadoras recorrer ao contexto histórico para compor as possibilidades de interpretação que o filme favorece. (Cf. MORETIN e NAPOLITANO).

Prossegue Abud,

"O trabalho em sala de aula, ao utilizar filmes e pesquisas históricas, contribui para a construção de quadros amplos com base nos quais o aluno pode compreender, de forma mais clara, que sempre há diferentes visões de

---

<sup>5</sup> O artigo de Abud informa o nome incompleto da película, omitindo o subtítulo "princesa do Brasil" e equivoca-se quanto ao ano de lançamento, que se deu em 1995 e não em 1994. Cf. [www.imdb.com](http://www.imdb.com)

um mesmo fato. (...) Trata-se, portanto, de compreender o passado como uma construção do presente, mostrando as diferentes visões sobre os fatos.(168)

O encaminhamento didático do uso do filme, portanto, vai na direção da contraposição entre a imagem representada na película e "a análise da ação dos Braganças dentro do difícil contexto histórico em que viveram" para refutarem, assim, "visões maniqueístas, reducionistas e simplistas" (ABUD, p. 171-172)

Essa é uma contribuição importante do uso de filmes nas aulas de História, mas outra pergunta que se impõe: em que o filme difere, então, do uso de documentos tradicionais, como, por exemplo, (outros) textos escritos? Se o objetivo é superar o maniqueísmo interpretativo da História, tão presente no ensino, o mesmo deve ser também aplicado ao uso da documentação fílmica, sem que essa já saia em desvantagem (manipulado na montagem; excessivamente subjetivo; ficcional) em relação a documentos tradicionalmente consagrados na pesquisa histórica. Do contrário, estaríamos reafirmando o documento oficial ou escrito como mais propício para o fazer histórico que outras tipologias de fontes.

Posto de outra forma, o que parece ser ainda necessário avançar é a especificidade da contribuição que o uso de filmes (e das relações com o cinema) pode dar para a construção do conhecimento histórico *em sala de aula*. Quais as condições de exploração da imagem cinematográfica e as possibilidades que elas oferecem para a construção do conhecimento histórico em sala de aula?<sup>6</sup>

### **Por uma educação estética com vistas a ampliação do conhecimento histórico.**

Partindo das contribuições e discussões dos historiadores aqui apresentados cabe elencarmos algumas questões sobre o uso de filmes em sala de aula que podem

---

<sup>6</sup> Diz a autora em texto de 2003: "O documentário e os filmes de época ou históricos têm, para a maior parte dos professores que utilizam filmografia em sala de aula, o mesmo valor didático de um texto de um livro de História. O filme é mais utilizado como um substituto do texto didático ou da aula expositiva, ou é ainda considerado uma ilustração que dá credibilidade ao tema que se está estudando". ABUD: 2003, p.189

contribuir para uma atividade mais pragmática do ponto de vista didático e também mais reflexiva, no que se refere a formação dos estudantes dos cursos de licenciaturas e cursos de formação para professores em História.

O primeiro ponto, como já afirmamos, é a compreensão de que o filme é um material cultural que possui uma linguagem própria e conhecê-la é uma condição importante para a desconstrução do discurso fílmico, com vistas à sua crítica e posterior reconstrução sob os procedimentos didáticos.

Segundo Maria Auxiliadora Schmidt o uso de documentos históricos em sala de aula, mais que um momento de pausa ou diferenciação da rotina escolar da aula expositiva, deve se tornar o meio mais apropriado para a construção do saber histórico escolar. Para tanto, a autora sugere que o documento em sala seja utilizado também a partir dos procedimentos metodológicos que os historiadores se valem na construção de seus saberes. Segundo a pesquisadora, "isso pode ajudar o aluno a desenvolver o espírito crítico, reduzir a intervenção do professor e diminuir a distância entre a história que se ensina e a história que se escreve". (SCHIMIDT: 2003, p. 68)

As técnicas de decoupage fílmica quando empregadas como “análise de fonte” trazem uma série de elementos que já posicionam a obra e sua produção. Estabelecemos aqui alguns pontos que podem se tornar um itinerário de pesquisa para o professor e os alunos, quando da utilização do filme como fonte para a construção do conhecimento histórico em sala de aula.

1) Análise do idioma original do filme e a legendagem: Como se sabe a indústria fílmica opera, na maior parte das vezes, sob o signo do lucro. Nesse sentido, o cuidado com as traduções e legendagem (incorrendo em erros de grafia e concordância) em algumas películas é lastimável. É interessante observar, sempre que possível, qual o idioma original do filme e, se houver possibilidades, trabalhar o material em conjunto com professores de Língua Estrangeira (mais comum nas disciplinas de língua inglesa e língua espanhola). Cabe destacar a ênfase do uso dos filmes hollywoodianos e, por

consequência, da quase onipresença da língua inglesa em nossa cultura cinematográfica, o que já vale por si uma questão a ser problematizada em sala de aula.

2) Análise dos dados Técnicos do filme: Título original, diretor, roteirista, produtor, distribuidor, Estúdio, Gênero em que o filme é classificado, duração, ano de produção, país. Esses dados são importantes referências para a determinação do contexto histórico da produção da obra cinematográfica ou do que aqui demonstramos ser o filme como documento *de uma época*. Tais dados podem ser encontrados em *sítios eletrônicos* e bases de dados cinematográficas, como a *International Movie Database* que possui uma versão em português ([www.imdb.com.br](http://www.imdb.com.br)).

3) Análise das críticas cinematográficas: Procurar textos sobre a película em sua época de exibição pode favorecer ao professor uma leitura de como o filme foi recebido em sua época de produção; que pontos chamaram a atenção naquele momento e que leituras o filme propicia nos dias atuais. Assim o filme torna-se uma fonte para múltiplas temporalidades, rompendo com a noção de linearidade: o tempo da produção, da exibição; o tempo diegético, ou seja, aquele da história representada na película (*a vinda da família real* no caso de Carlota Joaquina, princesa do Brasil); o tempo presente, o da sala de aula.

4) Análise de uma sequência do filme. À medida em que for se familiarizando com a linguagem técnica (planos, sequência, cena, etc.) o exercício de escolher um fragmento do filme para ser lido em sua estrutura técnica pode auxiliar na compreensão ou problematização sobre a produção daquelas imagens. A forma como a imagem se apresenta na tela pode ser indicativo de opções do diretor, produtor, distribuidor a respeito do que deve ser visto, o que não deve, como ver e por que. As condições para essa leitura ainda é bastante precária nos cursos de licenciatura em História e fica, muitas vezes, a encargo do próprio professor (e de sua curiosidade) buscar complementar.

4) Análise de Trilha Sonora: os sons e músicas de um filme dizem muito sobre o comportamento que se deseja criar no público. Portanto o som é uma forma de

ambientar a cena e ouvirmos os diálogos. No que se refere aos filmes do período anterior ao advento da sonorização, o chamado "Cinema Mudo", há que se lembrar que as projeções sempre eram acompanhados de música, seja ao vivo ou na forma de reprodução de discos, além das legendas entre cenas que podem sugerir o som que se deseja ser ouvido ( por exemplo, uma legenda "toc toc" seguida a uma cena onde aparece alguém batendo em uma porta). Nesse contexto, praticamente, não existe filme que não tenha uma trilha sonora.

A partir desses elementos, retirados de obras como “Ensaio sobre a Análise fílmica”, de Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété, “A Estética do filme” de Jacks Aumont, e “Teoria Contemporânea do cinema” do professor Fernão Ramos da Universidade Estadual de Campinas, o professor pode criar um instrumento de investigação (uma ficha de levantamento de dados). Tais dados, articulados a outros sobre o contexto histórico da produção do filme e sobre os fatos históricos que o mesmo narra, podem atribuir um outro estatuto ao documento fílmico e seu uso em sala de aula: agora, entendido como documento histórico.

Para tanto, cabe ao professor de História estabelecer um diálogo com a linguagem cinematográfica, como também com as demais fontes, na tentativa de releitura do filme revelando possibilidades de abordagem e níveis discursivos até então imperceptíveis para si mesmo e seus alunos. Esse novo olhar, quando se adquire, permanece disponível para outras produções fílmicas, além dos documentários ou filmes históricos. Dessa forma, pode-se favorecer tanto entre professores como estudantes um olhar com maior criticidade sobre o cinema e sua indústria, elevado à categoria de fonte histórica diferindo, em grau analítico, do olhar do espectador comum. Passagem da condição cognitiva da sala de projeção para a sala de aula.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ABUD, Kátia (et. all). "Ensino de História".São Paulo: Cengage Learning, 2010.

\_\_\_\_\_. A construção de uma didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. Em: Revista Brasileira de HISTÓRIA 22, (1): 183-193. 2003

DEBORD, Guy. "A sociedade do espetáculo". Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

FERRO, Marc. "Cinema e História". São Paulo: Paz e Terra, 2010.

KELLNER, D. "Cultura da mídia". Bauru: Edusc, 2001.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. Em: CAPELATO, M. (et. all). "História e cinema". São Paulo: Alameda, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. Em: PINSKY, Carla. (org). "Fontes históricas". São Paulo: Contexto, 2010.

RODRIGUES, Chris. "O cinema e a produção: para quem gosta, faz ou quer fazer cinema". Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2002.

ROSENSTONE, Robert. "A história nos filmes, os filmes na história". São Paulo: Paz e Terra, 2010.

RÜSEN, Jörn. "História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico". Brasília: Editora UNB, 2010.

TROVÃO, Flávio. "O exército inútil de Robert Altman: cinema e política". São Paulo: Anadarco Editora, 2012.